

GUIÃO PEDAGÓGICO

SARDOAL

(Guião 23)

PROGRAMA DE VISITAS DE ESTUDO

Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo



MÉDIO TEJO
COMUNIDADE
INTERMUNICIPAL

Cofinanciado por:

CENTRO 2020

PORTUGAL
2020



Apresentação

A Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo (CIMT) determinou no seu *Plano Estratégico de Desenvolvimento Intermunicipal da Educação* (PEDIME) um conjunto de medidas que, através da Educação, concorrem para a *coesão sustentável do território*.

Para responder ao *Programa de Visitas de Estudo*, medida integrada no PEDIME, e ao encontro da promoção da cultura científica, das artes e das competências metacognitivas (desenvolvimento de maneiras de pensar os problemas), estabeleceu como ação estratégica a construção de um conjunto de guiões pedagógicos de apoio a visitas de estudo.

O traço estruturante deste projeto foi a conexão entre *património*, *currículo* e *visitas de estudo*. A criação de 45 guiões pedagógicos, direcionados à planificação curricular e didática de visitas de estudo, foi organizada pelo CICS.NOVA e uma equipa de professores/investigadores, em articulação com a área da Educação, Cultura e Turismo dos Municípios e Agrupamentos que integram a CIMT e serviços educativos dos espaços.

A metodologia desenvolvida procurou promover a capacidade de *mobilização de conhecimento para a resolução de problemas* ou para o desenvolvimento de projetos que, partindo do contexto geográfico e cultural, possam conduzir o(a) aluno(a) a consolidar e a desenvolver os seus conhecimentos, bem como o desenvolvimento de competências sociais, cognitivas e metacognitivas.

Fomentar momentos de debate, reflexão conjunta, de configuração de soluções às problemáticas apresentadas fizeram parte dos objetivos deste projeto que alia a descoberta à criação e que *promove o conhecimento sobre o território da CIMT* como espaço de aprendizagem científica e cultural e o desenvolvimento do que poderemos designar por turismo escolar e *valorização de diferentes tipos de património*, tendo como público não só as escolas e agrupamentos de escolas da região, mas igualmente do resto do país.

Metodologia¹

Diversos estudos sobre o papel das visitas de estudo na educação apontam para a sua prática pedagógica como uma estratégia que promove o *desenvolvimento de competências intersociais e científicas e potencia as aprendizagens de diferentes áreas disciplinares*.

Partindo das perspetivas de currículo integrado questionou-se sobre **como planificar curricular e didaticamente visitas de estudo**.

A *integração curricular*, na prática, começa com a identificação de questões, temas organizacionais, unidades temáticas ou núcleos de experiências perante a aprendizagem. Assim, a estratégia metodológica privilegiada na construção destes guiões considerou uma aprendizagem baseada em problemas, formulados a partir do questionamento dos espaços a visitar, considerando os conteúdos curriculares do ensino básico e a metodologia de projeto, com a proposta de construção de um **portefólio de aprendizagens**.

A planificação *didática da visita de estudo* foi organizada segundo os pressupostos:

- **Validade** – atende à articulação entre espaço e currículo.
- **Utilidade** – compreende a oportunidade de explorar os conteúdos curriculares em novos ambientes educativos, catalisadores na mobilização de competências para a resolução de problemas.
- **Significação** – considera as experiências vivenciadas pelos(as) aluno(as) e está por isso associada à ligação entre o conhecido, o vivenciado e a novidade.
- **Adequação** - contabiliza o desenvolvimento integral de todos os(as) alunos(as) de acordo com os documentos curriculares, normativos.
- **Flexibilidade** - determina relações interdisciplinares, num ambiente pluri/multidisciplinar.
- **Avaliação** - atende à construção de instrumentos de monitorização e avaliação das aprendizagens, em articulação com os procedimentos organizacionais de autoavaliação e avaliação externa.

Os 45 guiões pedagógicos organizados constituem-se referências num *plano de desenvolvimento curricular de nível meso* e propõem práticas curriculares situadas sobre a intervenção didática, contextualizada e integrada,

¹ Organizada pela equipa científica.

mas a adaptar aos documentos internos que regem a ação educativa de cada agrupamento de escolas.

Espaço

A definição dos espaços reconhece uma análise prévia construída a partir de códigos reflexivos e de *carácter patrimonial, identitário e científico*.

Problemática

A problemática é desenvolvida tendo em conta o espaço e os conteúdos curriculares/programáticos das diferentes componentes ou área disciplinar/disciplina. Na problemática pode existir uma ou mais *questões nucleares* que orientam a construção do guião. A exploração da problemática deve contribuir para uma *melhor compreensão dos desafios locais/regionais*, impacto nacional e também pode conduzir a um projeto de valorização ou *intervenção pelo desenvolvimento sustentável da região*.

Conhecimentos e Competências

Partindo dos documentos curriculares, nomeadamente as aprendizagens essenciais e perfil do aluno, determinam-se os ciclos, anos de escolaridade, conhecimentos e respetivas competências, que de forma horizontal ou vertical promovem a interdisciplinaridade, nos processos e produtos da aprendizagem.

Fases da Visita de Estudo

Os guiões de visitas de estudo procuram potenciar as maneiras de pensar do(a) aluno(a) ao longo dos diferentes momentos, numa perspetiva investigativa. A partir da problemática definida, sugere-se a promoção da relação investigador/objeto, bem como a reflexão sobre a finalidade da atividade científica e a intencionalidade da aprendizagem.

Antes da visita de estudo

Construir a contextualização histórica sobre o espaço e as atividades a desenvolver com os(as) alunos(as) para a exploração da problemática, considerando e adaptando às diferentes componentes ou área disciplinar/disciplina. Fomentar, igualmente, a criação de hipóteses. Neste momento, estabelece-se o protocolo de preparação da saída e trabalho de campo, em articulação com o espaço, definindo a realização de uma visita guiada ou autónoma.

Durante a visita de estudo*

Aplicar o protocolo de recolha de dados segundo os materiais didáticos/pedagógicos e instrumentais construídos, adaptado às diferentes componentes ou área disciplinar/disciplina e à tipologia de visita de estudo.

Após a visita de estudo

Implementar atividades que orientem os alunos a organizarem e a integrarem a aprendizagem efetuada antes e durante a visita, de modo a responderem à problemática de partida. Promover a divulgação das conclusões e recomendações da problemática estudada à comunidade. Finalizar o portefólio.

Avaliação

Portefólio, autoavaliação, entre outros instrumentos a definir pelo grupo de professores (as).

Oportunidades/Possibilidades do Guião-tipo:

- Reconfigurar o espaço e outros conhecimentos e competências.
- Promover a articulação entre guiões.
- Organizar outras problemáticas sobre o mesmo espaço, ou novos espaços para uma mesma problemática.

Referências:

- Anderson, D. M. (2013). Overarching goals, values, and assumptions of integrated curriculum design. *SCHOLE: A Journal of Leisure Studies and Recreation Education*, 28(1), 1-10
- Beane, J. A. (2016). *Curriculum integration: designing the core of democratic education*. New York: Teachers College Press.
- Behrendt, M., & Franklin, T. (2014). A review of research on school field trips and their value in education. *International Journal of Environment and Science Education*, 9, 235-245
- Chun, M. S., Kang, K. I., Kim, Y. H., & Kim, Y. M. (2015). Theme-Based Project Learning: Design and Application of Convergent Science Experiments. *Universal Journal of Educational Research*, 3(11), 937-942
- Dewitt, J. & Starksdieck, M. (2008). A Short Review of School Field Trips: Key Findings from the Past and Implications for the Future. *Visitor Studies*, 11(2), 181-197
- Pombo, O., Guimarães, H. M. & Levy, T. (1994). *Interdisciplinaridade: reflexão e experiência*. Coleção Educação Hoje. Lisboa: Texto Editora.
- Pombo, O., Guimarães, H. M. & Levy, T. (Org) (2006). *Interdisciplinaridade: Antologia*. Coleção Campo das Ciências. Porto: Campo das Letras.
- Rennie, L. J. (2007). Learning science outside of school. In N. Lederman & S. Abel (Eds.), *Handbook of research on science education*, 125-167. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Roldão, M.C. & Almeida, S. (2018). *Gestão Curricular - Para a Autonomia das Escolas e Professores*. Coleção Autonomia e Flexibilidade Curricular. Lisboa: DGE.
- Savery, J. R. (2015). Overview of problem-based learning: Definitions and distinctions. Essential readings in *Problem-based learning: Exploring and extending the legacy of Howard S. Barrows*, 9, 5-15
- Savin-Baden, M., & Major, C. (2004). *Foundations of problem-based learning*. Maidenhead, UK: Open University Press.

* o presente guião apresenta uma proposta alternativa de exploração do espaço.



GUIÃO PEDAGÓGICO

SARDOAL

Centro Cultural Gil Vicente



MÉDIO TEJO
COMUNIDADE INTERMUNICIPAL

Cofinanciado por:

CENTRO 2020

PORTUGAL
2020





Centro Cultural Gil Vicente

CONTACTOS

CENTRO CULTURAL GIL VICENTE

Morada: Av. Dom João III, 2230-135 Sardoal

Telefone: +351 241 855 194

Email: ccgilvicente@cm-sardoal.pt

Website: www.cm-sardoal.pt

SINOPSE

Partindo da problemática “Em que medida é verosímil a ideia de que Gil Vicente foi um homem serrano?”, o espaço do Centro Cultural Gil Vicente, no Sardoal, não é o mote mas sim o corolário de todas as atividades anteriormente desenvolvidas.

A partir da análise da tragicomédia pastoril *Serra da Estrela* e da farsa *Juiz da Beira*, pretende-se que os alunos possam compreender melhor aquele tempo histórico e cultural mas, também, que recolham memórias orais e topónimos, que cartografem terras referidas por Gil Vicente nas suas obras, que reflitam sobre algumas personagens e que consigam encenar uma das peças para a representar no Centro Cultural Gil Vicente.

Sugere-se que as problemáticas propostas sejam trabalhadas no 1.º CEB, nos 3.º e 4.º anos em Estudo do Meio, no 4.º ano em TIC e em Português e Educação Artística – Artes Visuais e Teatro.

No 2.º CEB relacionam-se neste trabalho diversificado o Português, a História e Geografia de Portugal, as TIC e a Educação Visual. No 3.º CEB sugerem-se as disciplinas de Português, a História, a Geografia, as TIC e a Educação Visual.

PROBLEMÁTICA

Em que medida é verosímil a ideia de que Gil Vicente foi um homem serrano?

De que forma os textos literários portugueses incluem dados históricos e valores culturais, éticos e estéticos?

CONHECIMENTOS E COMPETÊNCIAS

Indicar conhecimentos e competências por área disciplinar/disciplina, de acordo com os documentos curriculares de referência, nomeadamente as aprendizagens essenciais e perfil do aluno, para maior articulação (horizontal ou vertical).

1.º CEB	
Conhecimentos	Competências
<p>Português</p> <p>4.º Ano</p> <p>- Educação Literária</p>	<p>- Ouvir ler textos literários e expressar reações de leitura de modo criativo; ler integralmente narrativas, poemas e textos dramáticos; antecipar o(s) tema(s) com base em noções elementares de género (contos de fada, lengalengas, poemas, etc.) em elementos do paratexto e nos textos visuais (ilustrações); compreender a organização interna e externa de textos poéticos, narrativos e dramáticos; compreender recursos que enfatizam o sentido do texto (onomatopeias, trocadilhos, interjeições, comparações); dramatizar textos e dizer em público, com expressividade e segurança, poemas memorizados; participar, de forma responsável e cooperante, em representações de textos dramáticos literários; manifestar ideias, sentimentos e pontos de vista suscitados por histórias ou poemas ouvidos ou lidos; desenvolver um projeto de leitura em que se integre compreensão da obra, questionamento e motivação de escrita do autor.</p>
<p>Educação Artística – Artes Visuais</p> <p>4.º Ano</p> <p>- Interpretação e comunicação</p> <p>- Experimentação e criação</p>	<p>- Dialogar sobre o que vê e sente, de modo a construir múltiplos discursos e leituras da(s) realidade(s); compreender a intencionalidade dos símbolos e dos sistemas de comunicação visual; apreciar as diferentes manifestações artísticas e outras realidades visuais; perceber as razões e os processos para o desenvolvimento do(s) gosto(s): escolher, sintetizar, tomar decisões, argumentar e formar juízos críticos; captar a expressividade contida na linguagem das imagens e/ou outras narrativas visuais; transformar os conhecimentos adquiridos em novos modos de apreciação do mundo, através da comparação de imagens e/ou objetos.</p> <p>- Integrar a linguagem das artes visuais, assim</p>

1.º CEB	
Conhecimentos	Competências
	<p>como várias técnicas de expressão (pintura; desenho - incluindo esboços, esquemas, e itinerários; técnica mista; assemblage; land´art; escultura; maquete; fotografia, entre outras) nas suas experimentações: físicas e/ou digitais; experimentar possibilidades expressivas dos materiais (carvão vegetal, pasta de modelar, barro, pastel seco, tinta cenográfica, pincéis e trinchas, rolos, papéis de formatos e características diversas, entre outros) e das diferentes técnicas, adequando o seu uso a diferentes contextos e situações; escolher técnicas e materiais de acordo com a intenção expressiva das suas produções plásticas; manifestar capacidades expressivas e criativas nas suas produções plásticas, evidenciando os conhecimentos adquiridos.</p>
<p>Educação Artística – Teatro</p> <p>4.º Ano</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apropriação e reflexão - Experimentação e criação 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar diferentes estilos e géneros convencionais de teatro (comédia, drama, etc); reconhecer a dimensão multidisciplinar do teatro, identificando relações com outras artes e áreas de conhecimento. - Explorar as possibilidades motoras e expressivas do corpo em diferentes atividades (de movimento livre ou orientado, criação de personagens, etc.); adequar as possibilidades expressivas da voz a diferentes contextos e situações de comunicação, tendo em atenção a respiração, aspetos da técnica vocal (articulação, dicção, projeção, etc.); transformar o espaço com recurso a elementos plásticos/cenográficos e tecnológicos produtores de signos (formas, imagens, luz, som, etc.); transformar objetos (adereços, formas animadas, etc.), experimentando intencionalmente diferentes materiais e técnicas (recurso a partes articuladas, variação de cor, forma e volume, etc.) para obter efeitos distintos. Construir personagens, em situações distintas e com diferentes finalidades; produzir, sozinho e em grupo, pequenas cenas a partir de dados reais ou fictícios, através de processos espontâneos e/ou preparados, antecipando e explorando intencionalmente formas de “entrada”, de progressão na ação e de “saída”; defender, oralmente e/ou em situações de prática experimental, as opções de movimento e escolhas vocais utilizados para comunicar uma ideia.
<p>TIC</p> <p>4.º Ano</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ferramentas básicas de desenho, texto e programação em Matemática - Literacia digital 	<ul style="list-style-type: none"> - Estimular a utilização das TIC em contexto sala de aula; reconhecer e utilizar as ferramentas básicas de desenho; aplicar as ferramentas necessárias à formatação básica de texto; criar tabelas e gráficos, fazer uma apresentação com recurso a ferramentas do Microsoft Office.

1.º CEB	
Conhecimentos	Competências
	<ul style="list-style-type: none"> - Usar a tecnologia propositadamente para criar, organizar, armazenar, manipular e recuperar informação digital; avaliar a veracidade da informação pesquisada e a fidedignidade das suas fontes; compreender as oportunidades oferecidas pela internet para comunicar, colaborar e partilhar informação.
Estudo do Meio 3.º e 4.º Anos <ul style="list-style-type: none"> - Sociedade - Sociedade/ Natureza/ Tecnologia 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer as unidades de tempo; relacionar datas e factos importantes para a compreensão da história local e nacional. - Reconhecer e valorizar o património natural e cultural - local, nacional.

2.º CEB	
Conhecimentos	Competências
Português 5.º Ano <ul style="list-style-type: none"> - Oralidade - Leitura - Educação Literária - Escrita 	<ul style="list-style-type: none"> - Captar e manter a atenção da audiência (postura corporal, expressão facial, clareza, volume e tom de voz). - Produzir um discurso com elementos de coesão adequados (concordância; tempos verbais; advérbios; variação das anáforas; uso de conectores frásicos e textuais mais frequentes). - Ler textos com características narrativas e expositivas, associados a finalidades lúdicas, estéticas e informativas. - Reconhecer a forma como o texto está estruturado (partes e subpartes). - Compreender a utilização de recursos expressivos para a construção de sentido do texto. - Ler integralmente textos literários de natureza narrativa, lírica e dramática. - Interpretar o texto em função do género literário. - Inferir o sentido conotativo de palavras e expressões. - Reconhecer a estrutura e os elementos constitutivos do texto narrativo: personagens, narrador, contexto temporal e espacial, ação. - Escrever textos organizados em parágrafos, de acordo com o género textual que convém à finalidade comunicativa. - Escrever com respeito pelas regras de ortografia e de pontuação.
História e Geografia de Portugal 5.º Ano	<ul style="list-style-type: none"> - Destacar a ação dos reis D. João II e de D. Manuel I.

2.º CEB	
Conhecimentos	Competências
- Portugal nos séculos XV e XVI	- Relacionar as características das figuras sociais retratadas por Gil Vicente, sublinhando a sua relação com a expansão marítima.
TIC 5.º e 6.º Anos - Investigar e pesquisar	- Planificar estratégias de investigação e de pesquisa a realizar <i>online</i> : - Formular questões que permitam orientar a recolha de dados ou informações pertinentes; definir palavras-chave para localizar informação, utilizando mecanismos e funções simples de pesquisa; utilizar o computador e outros dispositivos digitais como ferramentas de apoio ao processo de investigação e pesquisa; conhecer as potencialidades e principais funcionalidades de aplicações para apoiar o processo de investigação e pesquisa <i>online</i> ; realizar pesquisas, utilizando os termos selecionados e relevantes, de acordo com o tema a desenvolver; analisar criticamente a qualidade da informação; utilizar o computador e outros dispositivos digitais, de forma a permitir a organização e a gestão da informação.
Educação Visual 5.º e 6.º Anos - Experimentação e criação	- Utilizar diferentes materiais e suportes para realização dos seus trabalhos; reconhecer o quotidiano como um potencial criativo para a construção de ideias, mobilizando as várias etapas do processo artístico (pesquisa, investigação, experimentação e reflexão); desenvolver individualmente e em grupo projetos de trabalho, recorrendo a cruzamentos disciplinares (artes performativas, multimédia, instalações, <i>happening</i> , entre outros); justificar a intencionalidade dos seus trabalhos, conjugando a organização dos elementos visuais com ideias e temáticas, inventadas ou sugeridas.

3.º CEB	
Conhecimentos	Competências
Geografia 7.º Ano - A Terra: estudos e representações	- Distinguir mapas de grande escala de mapas de pequena escala, quanto à dimensão e ao pormenor da área representada. - Calcular a distância real entre dois lugares, em itinerários definidos, utilizando a escala de um mapa.
Português 8.º Ano - Oralidade - Leitura - Educação literária - Escrita	- Compreender o(s) tema(s) e as ideias centrais do texto, relacionando as informações expressas com o contexto e com o objetivo (expor, informar, explicar, persuadir). - Explicar sentidos figurados e contextuais com base em inferências. - Explicitar o sentido global de um texto, com

3.º CEB	
Conhecimentos	Competências
	<p>base em inferências, devidamente justificadas.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identificar temas, ideias principais, pontos de vista, causas e efeitos, factos e opiniões. - Ler integralmente obras literárias narrativas, líricas e dramáticas. - Interpretar o texto em função do seu modo literário, com base na análise da representação dos temas, das experiências e dos valores. - Reconhecer, na organização do texto dramático, ato, cena, fala e indicações cénicas. - Compreender a utilização de recursos expressivos na construção de sentido do texto (designadamente a antítese). - Planificar a escrita de textos com finalidades informativas, assegurando distribuição de informação por parágrafos, continuidade de sentido, progressão temática, coerência e coesão. - Redigir textos coesos e coerentes, em que se confrontam ideias e pontos de vista e se toma uma posição sobre personagens, acontecimentos, situações e/ou enunciados. - Escrever com correção sintática, com vocabulário diversificado, com uso correto da ortografia e dos sinais de pontuação.
<p>História 8.º Ano</p> <p>- Expansão e mudança nos séculos XV e XVI</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Demonstrar a importância que o poder régio e os diversos grupos sociais tiveram no arranque da expansão portuguesa. - Analisar nas obras de Gil Vicente selecionadas as características das personagens retratadas. - Destacar o papel dos reis D. João II e D. Manuel I na expansão mas, também, no reforço da corte portuguesa.
<p>TIC 7.º, 8.º e 9.º Anos</p> <p>- Investigar e pesquisar</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Planificar estratégias de investigação e de pesquisa a realizar <i>online</i>; formular questões que permitam orientar a recolha de dados ou informações pertinentes; definir palavras-chave para localizar informação, utilizando mecanismos e funções de pesquisa; utilizar o computador e outros dispositivos digitais como ferramentas de apoio ao processo de investigação e de pesquisa; conhecer as potencialidades e principais funcionalidades de ferramentas, para apoiar o processo de investigação e pesquisa <i>online</i>; realizar pesquisas, utilizando os termos selecionados e relevantes de acordo com o tema a desenvolver; analisar criticamente a qualidade da informação; utilizar o computador e outros dispositivos digitais, de forma a permitir a organização e gestão da informação.

3.º CEB	
Conhecimentos	Competências
<p>Educação Visual</p> <p>7.º, 8.º e 9.º Anos</p> <p>- Experimentação e criação</p>	<p>- Articular conceitos (espaço, volume, cor, luz, movimento, estrutura, forma, ritmo), referências, experiências, materiais e suportes nas suas composições plásticas; manifestar expressividade nos seus trabalhos, selecionando, de forma intencional, conceitos, temáticas, materiais, suportes e técnicas; justificar a intencionalidade das suas composições, recorrendo a critérios de ordem estética (vivências, experiências e conhecimentos); organizar exposições em diferentes formatos – físicos e/ou digitais individuais ou de grupo, selecionando trabalhos tendo por base os processos de análise, síntese e comparação, que conjugam as noções de composição e de harmonia, de acordo com o objetivo escolhido/proposto; selecionar, de forma autónoma, processos de trabalho e de registo de ideias que envolvam a pesquisa, investigação e experimentação.</p>

COMPETÊNCIAS TRANSVERSAIS

(Perfil do Aluno)

- Discutir conceitos ou factos, articular saberes numa perspetiva disciplinar e interdisciplinar.
- Desenvolver a capacidade e o gosto pela pesquisa, a aptidão e a predisposição para procurar, selecionar e organizar informação em vários suportes e contextos.
- Interpretar problemáticas do meio com base em conhecimentos adquiridos, aplicando-os em diferentes contextos.
- Interpretar dados expressos em tabelas, gráficos e figuras.
- Desenvolver raciocínio e resolução de problemas.
- Reconhecer que a ciência, a tecnologia e a sociedade estabelecem relações de interdependência entre si.
- Desenvolver o saber científico técnico e tecnológico.
- Utilizar diversas linguagens e processos narrativos.
- Valorizar diferentes tipos de património.
- Analisar factos e situações, selecionando elementos ou dados históricos.
- Debater por domínios a conceção de cidadania ativa (desenvolvimento sustentável, educação ambiental, empreendedorismo, instituições e participação democrática, literacia financeira, risco).
- Desenvolver a sensibilidade estética e artística, despertando, o gosto pela apreciação e fruição das diferentes circunstâncias culturais.
- Utilizar as tecnologias da informação e comunicação e a biblioteca escolar para maior autonomia na realização das aprendizagens curriculares, de natureza recreativa, cívica e cultural.
- Mobilizar as TIC e as TIG para representar diferentes tipos de informação.
- Adquirir hábitos e métodos de estudo e de trabalho que promovam o tratamento da informação, a comunicação, a construção de estratégias cognitivas e o relacionamento interpessoal ou de grupo.
- Participar responsabilmente, com espírito de iniciativa e autonomia.
- Pensar crítica, reflexiva e criativamente a realidade, dotado de literacia cultural, científica e tecnológica, que lhe permita analisar, questionar e avaliar a informação, formular hipóteses e tomar decisões fundamentadas no seu dia-a-dia.
- Respeitar-se a si mesmo e ser solidário com os outros.
- Aspirar ao trabalho bem feito, ao rigor e à superação, ser perseverante, resiliente perante as dificuldades.
- Formular questões e hipóteses, fazer inferências, comprovar resultados e saber comunicá-los, reconhecendo como se constrói o conhecimento.

FASES DA VISITA DE ESTUDO

A - Ações a desenvolver antes da ida ao local

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.

Diz-se de Sardoaal, como o 'lugar onde abundavam os sardões'. Este animal está igualmente presente no brasão da Vila e da Junta de Freguesia do Sardoaal (Figuras 1 e 2).



Figura 1. Brasão da Vila do Sardoaal

(Fonte: sítio da Câmara Municipal do Sardoaal)



Figura 2. Brasão da Freguesia do Sardoaal

(Fonte: sítio da Junta de Freguesia do Sardoaal)

O lugar do Sardoaal foi, desde sempre, apreciado pela nobreza portuguesa e a própria Rainha Santa Isabel era Senhora do Sardoaal. Quando no século XVI D. João III elevou o lugar à categoria de Vila ditava-se uma nova história para aquela localidade, onde a ruralidade e as riquezas patrimoniais caminham ainda hoje lado a lado. Pode ler-se no sítio digital da Câmara Municipal que

Em 22 de setembro de 1531, D. João III, por sua vontade expressa e sem ninguém lho requerer, por carta dada em Évora, elevou o lugar de Sardoaal à categoria de Vila e, em 10 de agosto de 1532, por carta dada em Lisboa mandou-lhe demarcar um novo termo, mais de acordo com a nova categoria e decretando que a partir de 1531, o Sardoaal passasse a ser totalmente independente em relação a Abrantes, passando a ter jurisdição própria e apartada em todas as áreas do poder municipal.

De facto, o século XVI pode considerar-se o "século de ouro" da história do Sardoaal.

Em 1509 foi fundada a Santa Casa da Misericórdia de Sardoaal; por volta de 1510 foram pintados os Quadros do Mestre do Sardoaal, que se encontram na igreja Matriz; entre 1507 e 1532 são representados os autos de Gil Vicente que contêm referências ao Sardoaal, entre os quais a "Tragicomédia Pastoril da Serra da Estrela" e o "Auto do Juiz da Beira"; em 1531, D. João III eleva o lugar de Sardoaal à categoria de Vila, demarcando-lhe um novo termo em 1532; em 1551 é construída a igreja da Misericórdia; em 1571 foi fundado o convento de Santa Maria da Caridade, dos Franciscanos Menores da Província da Soledad. Sabe-se, também, que muitos sardoalenses participaram nos Descobrimentos e nas conquistas de África, da Índia e do Brasil, situação a que não seria estranho o facto de o Senhorio do Sardoaal pertencer aos Almeidas (família dos Condes de Abrantes) que ocupavam, nesse tempo, os mais altos cargos de governação do reino. Bastará recordar o facto de D. Francisco de Almeida, 1.º Vice-Rei da Índia, ter sido comendador do Sardoaal. Refira-se, por curiosidade, a tradição popular transmitida de geração em geração, que diz que os freixos que ladeiam a escadaria do convento de Santa Maria da Caridade foram trazidos da Índia, na segunda viagem de Vasco da Gama [sabendo-se hoje que a sua proveniência foi o Japão]. Confirmada está, também, a participação de muitos sardoalenses na fatídica jornada de África de D. Sebastião em que muitos morreram ou ficaram cativos, na batalha de Alcácer-Quibir, como se pode verificar em diversas escrituras pelas quais foram vendidas diversas fazendas para pagamento do resgate dos que se encontravam em cativeiro. (<http://www.cm-sardoal.pt/index.php/pt/descobrir/historia>)

Da vida de Gil Vicente pouco se sabe. Apenas que viveu entre os anos de 1470 (?) e 1536 (?), que teve dois filhos, um dos quais publicou, depois da morte do pai, a "**Compilação**" das suas obras e que foi o que se chama "*um poeta de corte*", pois acompanhava o rei em todas as suas deslocações, de Lisboa para Santarém ou para Alcáçovas e Évora, organizando representações teatrais quando era caso disso. A naturalidade de Gil Vicente tem sido reclamada por diversas terras, desde Lisboa, Santarém, Guimarães, entre outras, tendo havido alguns Sardoalenses mais entusiasmados que reclamam essa honra para o Sardoaal, sem outro fundamento conhecido que não sejam algumas referências que o autor faz ao Sardoaal em, pelo menos, duas das suas obras. A mais importante dessas referências está, sem dúvida, na parte fi-

A - Ações a desenvolver antes da ida ao local

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.

nal da Tragicomédia Pastoril da Serra da Estrela e denota um profundo conhecimento, por parte de Gil Vicente, dos usos e costumes do Sardoal no princípio do século XVI. Sem embargo de alguns Sardoalenses reclamarem para o Sardoal a honra de ser a terra da naturalidade de Gil Vicente, o que até agora não foi possível comprovar, pode-se afirmar que esteve no Sardoal algumas vezes, acompanhando a Corte, uma vez que está provado que D. Manuel I estanciou no Sardoal, algumas vezes, por largos períodos de tempo, o que também aconteceu com D. Pedro I, D. Fernando e a Rainha D. Leonor de Teles, D. João I, D. Duarte e D. Afonso V. (<http://www.sardoalmemoria.net/home/patrimonio-cultural/gil-vicente>)

Gil Vicente foi autor de mais de 30 obras, sobretudo de textos dramáticos – **a obra dramática vicentina**, como é conhecida.

Organizador das festas do Paço, as suas obras eram escritas a propósito de acontecimentos concretos da Corte ou para acompanhar determinadas festas que decorriam ao longo do ano, como foi o caso do *Auto da Feira*. Gil Vicente queria falar com as pessoas da Corte, colocá-las a pensar. A *Comédia de Rubena* (de 1521) fala sobretudo de mulheres, do casamento como o seu destino fundamental, tendo em conta o terceiro casamento de D. Manuel e os pontos de vista do feminino (ver Buescu, 1991).

Ainda não se identificou bem a personalidade de Gil Vicente. Há um ourives também chamado Gil Vicente, cuja vida está documentada pelo menos até 1517, autor da custódia de Belém (a obra-prima da ourivesaria portuguesa quinhentista), que realizou importantes trabalhos para a corte. (...) nomeando aquele ourives Mestre da Balança da Casa da Moeda de Lisboa (...).

O que se sabe a respeito de Gil Vicente reduz-se ao seguinte: nasceu à roda de 1465; encenou a sua primeira peça em 1502; foi colaborador do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende. Desempenhou na corte a importante função de organizador das festas palacianas, como, por exemplo, da receção em Lisboa à terceira mulher de D. Manuel. Recebeu tenças e prémios de D. João III. Alcançou nos meios áulicos uma situação de grande prestígio, que lhe permitiu, em 1531, por ocasião do terramoto, num discurso feito perante os frades de Santarém, censurar energicamente os sermões terríficos em que estes explicavam a catástrofe como resultado da ira divina. A este propósito escreveu ao rei uma carta na qual se pronunciava contra a perseguição movida aos Judeus. O seu último auto data de 1536, e não deu mais sinal de si posteriormente a esta altura. (Saraiva & Lopes, 1978, pp. 199-200)

A *História da Literatura Portuguesa* refere o *Juiz da Beira* como sendo de 1525 ou 1526 e a *Tragicomédia da Serra da Estrela* de 1527. Faz também referência ao *Auto Pastoril da Serra da Estrela* (p. 206) (Figura 3), explicitando que são écloas, “diálogos cómicos de pastores”. E refere também que o *Juiz da Beira* é uma farsa, onde vão surgindo várias situações e causas que aquele juiz deve julgar, como num tribunal (p. 208). Não há uma unidade de tempo e “a história corre em diálogos e ações que se sucedem sem transição” (p. 208), o que era uma das características de Gil Vicente.

Sabe-se, no entanto, que se representavam ou improvisavam sermões burlescos, se mimavam pequenas farsas sobre histórias de clérigos e freiras; que nas igrejas e abadias, por ocasião do Natal, da Páscoa e da procissão de Corpus Christi, se realizavam «jogos» e «autos», «representações», com pastores e reis magos adorando o Presépio, apóstolos, santos, máscaras e figuras alegóricas de anjos ou demónios. (Saraiva & Lopes, 1978, pp. 202-203).

Nos pastores vicentinos há uma grande parte de convenção literária (...). Servem para fazer rir a gente da corte, com a sua ignorância e simplicidade. Mas quando Gil Vicente se eleva ao teatro das ideias, esta mesma simplicidade de crianças grandes dá lugar a paradoxos e a juízos que põem em causa toda a ordem estabelecida. De toda a maneira, são quase só eles, juntamente com os Parvos, outro tipo da tradição folclórica, que têm direito a entrar no reino dos céus. (*idem*, p. 212)

Uma curiosa peça parece pôr em causa os mais básicos valores admitidos. No *Juiz da Beira* um rústico ignorante e meio sandeu aparece a julgar as pessoas normais: um rapaz que desflorou uma moça é absolvido, porque, segundo o juiz, isso não tem mal; uma alcoviteira que desencaminhou a filha de um Judeu sai também absolvida, porque o juiz considera as alcoviteiras uma instituição útil e necessária; um escudeiro que deve o salário ao criado é condenado a sustentar o criado até pagar a dívida, etc. Estas sentenças são exatamente o oposto do que exigiam nesta época as leis e os costumes (...). Mas a crítica

A - Ações a desenvolver antes da ida ao local

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.

que elas representam é tão radical que só pode corresponder à afirmação, pelo paradoxo, de certos direitos imanentes à vida. (*idem*, p. 219)



Figura 3. Painel de Azulejo sito no Sardoyal, representando o *Auto Pastoril de Gil Vicente*

(Fonte: Autores, 2019).

Tragicomédia Pastoril da Serra da Estrela [1527] – Tragicomédia pastoril feita e representada ao muito poderoso e católico Rei D. João, o terceiro deste nome em Portugal, ao parto da sereníssima e mui alta Rainha Dona Catarina Nossa Senhora e Nascimento da ilustríssima Infanta Dona Maria, que depois foi princesa de Castela, na cidade de Coimbra, na era do Senhor de 1527.

Juiz da Beira [1525 ou 1526] - Esta farsa tem o seguinte argumento: diz o autor que este Pêro Marques, como foi casado com Inês Pereira, se foram morar onde ele tinha sua fazenda, que era lá na Beira, onde o fizeram juiz. E porque dava algumas sentenças disformes por ser homem simples, foi chamado à corte e mandaram-lhe que fizesse uma audiência diante de El-Rei. Foi representada ao mui nobre e cristianíssimo rei D. João, o terceiro em Portugal deste nome, em Almeirim, na era do Senhor de 1525. (...) Os Infantes são os filhos de D. Manuel. O Bailador tomou parte em qualquer festa com danças populares, em honra dos infantes. (Referências em <http://www.sardoalmemoria.net/home/patrimonio-cultural/principais-referencias-ao-sardoal-nas-obras-de-gil-vicente>)

O "Juiz da Beira", peça de Gil Vicente, é uma espécie de continuação de uma outra peça do mesmo autor: "O Auto de Inês Pereira". Em Inês Pereira, a protagonista casa com um homem meio aparvalhado, meio apatetado, Pêro Marques, que fazia tudo o que ela manda. No "Juiz da Beira" vamos encontrar de novo Pêro Marques, ainda casado com Inês Pereira, mas desta vez juiz. E como seria de esperar Pêro Marques continua aparvalhado. Às suas audiências vêm Ana Dias que acusa o filho de Pêro Amaro de lhe ter violado a filha; Alonso López acusa Ana Dias de ser alcoviteira e outro escudeiro ainda, volta a acusar Ana Dias de ser ladra. Para finalizar quatro irmãos vêm disputar a herança que lhes deixou o pai. Como seria de prever, Pêro Marques dá as sentenças mais absurdas a todas estas situações, mas curiosamente, essas sentenças acabam por se revelar muito acertadas. Uma peça de teatro datada de 1969, encenada por Mário Pereira e realizada por Victor Manuel (...). – (informação em <http://www.rtp.pt/programa/tv/p17790>)

Para iniciação à exploração da problemática e associando a possibilidade de construção de um portefólio, sugerem-se algumas atividades a realizar com os alunos antes da ida ao Centro Cultural

A - Ações a desenvolver antes da ida ao local

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.

Gil Vicente, tendo em consideração uma possível relação histórica de Gil Vicente com o Sardoaal:

A.1. Fazer uma pesquisa *online* sobre a possível relação histórica de Gil Vicente com o Sardoaal. Consultar, por exemplo <<http://www.sardoalmemoria.net/home/patrimonio-cultural/gil-viceinte>>, e discutir o seguinte excerto:

A naturalidade de Gil Vicente tem sido reclamada por diversas terras, desde Lisboa, Santarém, Guimarães, entre outras, tendo havido alguns Sardoaalenses mais entusiasmados que reclamam essa honra para o Sardoaal, sem outro fundamento conhecido que não sejam algumas referências que o autor faz ao Sardoaal em, pelo menos, duas das suas obras. A mais importante dessas referências está, sem dúvida, na parte final da *Tragicomédia Pastoril da Serra da Estrela* e denota um profundo conhecimento, por parte de Gil Vicente, dos usos e costumes do Sardoaal no princípio do século XVI.

Sem embargo de alguns Sardoaalenses reclamarem para o Sardoaal a honra de ser a terra da naturalidade de Gil Vicente, o que até agora não foi possível comprovar, pode-se afirmar que esteve no Sardoaal algumas vezes, acompanhando a Corte, uma vez que está provado que D. Manuel I estanciou no Sardoaal, algumas vezes, por largos períodos de tempo, o que também aconteceu com D. Pedro I, D. Fernando e a Rainha D. Leonor de Teles, D. João I, D. Duarte e D. Afonso V.

A.2. Analisar os textos da *tragicomédia pastoril Serra da Estrela* e da farsa *Juiz da Beira* (disponíveis *online* em Camões, s.d.a, b), publicados pelo Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, bem como a transcrição de Alexandra Mariano (2005). Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos.

A.2.1. Retirar os elementos da toponímia que vão surgindo. De notar que na *tragicomédia pastoril da Serra da Estrela* para além de Sardoaal, aparece Sea (Seia), Gouvea (Gouveia), Manteigas, Covilhã, etc., ou seja, as alusões a diferentes povos da Serra da Estrela são constantes.

A.2.2. Cartografar essas terras do interior que surgem em Gil Vicente para se perceber por onde terá andado, uma vez que revela algum conhecimento da zona.

A.2.3. Acrescentar a essa cartografia os elementos que Gil Vicente identifica como sendo relativos a cada terra.

A.2.4. Caracterizar as diferentes figuras que vão surgindo nestes textos de Gil Vicente.

A.3. Organizar uma contextualização histórica e cultural da época.

A.4. Recolher informações junto dos familiares sobre o que conhecem de Gil Vicente, se já ouviram falar da relação de Gil Vicente com os povos da Serra, incluindo o Sardoaal.

A.5. Escolher uma das obras de Gil Vicente para encenar.

A.6. Organizar a encenação da obra selecionada.

Contactar, por exemplo, a Escola Velha – Teatro de Gouveia, dado que já encenaram a *Tragicomédia Pastoril da Serra da Estrela* (2006), <<https://escolavelha.weebly.com/auto-pastoril-da-serra-da-estrela.html>> (Figura 4).

A - Ações a desenvolver antes da ida ao local

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.



Figura 4. Interpretação da *Tragicomédia Pastoril da Serra da Estrela* de Gil Vicente pela Escola Velha – Teatro de Gouveia (2006) (Fonte: < <https://escolavelha.weebly.com>>).

B - Ações a desenvolver no espaço

Uma vez que o município do Sardoaal possui um centro cultural (<http://www.cm-sardoal.pt/index.php/viver/cultura/centro-cultural-gil-vicente>), "um pólo das Artes e da Cultura", com um "auditório multimédia com capacidade para 200 lugares sentados e outras áreas funcionais, como uma sala multiusos com capacidade para 70 pessoas, camarins, espaço de ensaios, sala de projeção e galeria de exposições", seria importante que a representação teatral ou da tragicomédia ou da farsa pudesse ser feita neste espaço.

Utilizar o Centro Cultural Gil Vicente (Figura 5) para levar à cena a peça selecionada. Previamente fazer convites à comunidade educativa mas, também, às diferentes entidades do Município.

Explorar as possibilidades motoras e expressivas do corpo; adequar as possibilidades expressivas da voz a diferentes contextos e situações de comunicação, tendo em atenção a respiração, aspetos da técnica vocal (articulação, dicção, projeção, etc.); transformar o espaço com recurso a elementos plásticos/cenográficos e tecnológicos produtores de signos (formas, imagens, luz, som, etc.); transformar objetos (adereços, formas animadas, etc.), experimentando intencionalmente diferentes materiais e técnicas para obter efeitos distintos; construir personagens, em situações distintas e com diferentes finalidades; produzir, sozinho e em grupo, pequenas cenas a partir de dados reais ou fictícios, através de processos espontâneos e/ou preparados, antecipando e explorando intencionalmente formas de "entrada", de progressão na ação e de "saída".

B - Ações a desenvolver no espaço

Figura 5: Auditório do Centro Cultural Gil Vicente. (Fonte: Autores, 2019, com autorização do Município do Sardoal).

C - Ações a desenvolver após a atividade desenvolvida no espaço

Sugestão de algumas atividades que orientem os alunos a organizarem e a integrarem a aprendizagem efetuada antes e durante a exploração do espaço, de modo a responderem à problemática de partida. Apresentar sugestões de índole metodológica e avaliadora das aprendizagens.

C.1. Reunião de todos os elementos recolhidos durante o processo de estudo, inventariação, catalogação, entre outros, num portefólio digital que poderá ficar no sítio institucional da escola e que poderá também ser disponibilizado à Câmara Municipal.

C - Ações a desenvolver após a atividade desenvolvida no espaço

Sugestão de algumas atividades que orientem os alunos a organizarem e a integrarem a aprendizagem efetuada antes e durante a exploração do espaço, de modo a responderem à problemática de partida. Apresentar sugestões de índole metodológica e avaliadora das aprendizagens.

C.2. Produção, revisão e trabalho de textos, produzidos individualmente, a pares ou em grupo. Apresentação e discussão de ideias, comunicação de conhecimentos, debate com defesa de ideias.

C.2.1. Construção de um percurso de leitor a realizar com o acompanhamento do professor usando a metodologia de projeto, na qual os alunos se familiarizem e contactem diariamente com literatura de referência, a partir da qual poderão desenvolver capacidades de apreciação.

C.3. Realização de outras peças teatrais pelo grupo-turma, em torno das obras estudadas de Gil Vicente e do que foi experienciado ao longo dos diferentes momentos deste guião.

C.4. Desenvolvimento de projetos de trabalho, individualmente e em grupo, recorrendo a cruzamentos disciplinares (artes performativas, multimédia, instalações, *happening*, entre outros) e de registo de ideias que envolvam a pesquisa, investigação e experimentação para resposta às questões de partida.

C.5. Preparação adequada de uma intervenção num debate, para apresentar uma comunicação sobre a problemática deste guião: Em que medida é verosímil a ideia de que Gil Vicente foi um homem serrano? e De que forma os textos literários portugueses incluem dados históricos e valores culturais, éticos e estéticos?

AVALIAÇÃO

1. Proporcionar a diversificação de momentos, tipos e instrumentos de avaliação mediante a intencionalidade das aprendizagens.

De acordo com as ações estratégicas de ensino orientadas para o Perfil dos alunos, proporcionar atividades formativas que possibilitem aos alunos, em todas as situações:

- Apreciar os seus desempenhos;
- Estabelecer relações intra e interdisciplinares;
- Saber questionar uma situação;
- Desenvolver ações de comunicação verbal e não verbal pluridirecional;
- Utilizar conhecimento para participar de forma adequada e resolver problemas em contextos diferenciados;
- Desenvolver tarefas de planificação, de revisão e de monitorização;
- Desenvolver tarefas de síntese;
- Elaborar planos gerais, esquemas e mapas conceptuais;
- Identificar pontos fracos e fortes das suas aprendizagens;
- Utilizar os dados da sua autoavaliação para se envolver na aprendizagem;
- Descrever as suas opções usadas durante a realização de uma tarefa ou abordagem de um problema.

2. Autoavaliação realizada pelo aluno sobre o desenvolvimento das atividades e competências mobilizadas em cada fase, as aprendizagens adquiridas, com espaço a críticas e sugestões.

3. Avaliação efetuada pelo professor do processo e produtos resultantes das aprendizagens do aluno no portefólio. Valorizar o trabalho de livre iniciativa, a participação em contexto sala de aula e na visita de estudo, incentivando a intervenção positiva no meio escolar e na comunidade.

4. Autoavaliação realizada pelo professor sobre a monitorização das atividades desenvolvidas, do processo de ensino/aprendizagem e da(s) resposta(s) às problemática(s) em cada guião da visita de estudo.

5. Após partilha da avaliação, debate e reflexão conjuntos entre professores envolvidos, alunos e outros intervenientes da comunidade escolar/educativa.

BIBLIOGRAFIA/WEBGRAFIA

- Camões, J. (dir.) (s.d.a). *Gil Vicente. Serra da Estrela*. Lisboa: Centro de Estudos de Teatro/ Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, disponível em http://ww3.fl.ul.pt/centros_invt/teatro/pagina/Publicacoes/Pecas/Textos_GV/serra_da_estrela.pdf (acesso em outubro de 2018).
- Camões, J. (dir.) (s.d.b). *Gil Vicente. Juiz da Beira*. Lisboa: Centro de Estudos de Teatro/ Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, disponível em http://ww3.fl.ul.pt/centros_invt/teatro/pagina/Publicacoes/Pecas/Textos_GV/juiz_da_beira.pdf (acesso em outubro de 2018).
- Mariano, A. (2005). *Pastoril Português*. Lisboa: Quimera.
- Saraiva, A. J., Lopes, O. (1978). *História da Literatura Portuguesa* (10.ª ed.). Porto: Porto Editora.

INFORMAÇÃO COMPLEMENTAR

- Buescu, Maria Leonor Carvalhão - Literatura portuguesa clássica: Gil Vicente: as muitas faces de uma obra (1991). Lisboa: Universidade Aberta – **programa gravado em vídeo** (23 min, 50 seg.) disponível em <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/7084> (Resumo: Em diálogo com Luís Miguel Cintra, então diretor do Teatro Cornucópia, tomou-se como motivação a encenação da *Comédia de Rubena* para discutir a relação do público perante a obra de Gil Vicente. Problemas de recuperação de autores clássicos, vocação pedagógica do Teatro foram tópicos desse diálogo. Luís Miguel Sintra destaca a "modernidade" de Gil Vicente porque justapõe cenas, personagens muito diferentes como o frade, o sapateiro, a alcoviteira, etc., numa enorme capacidade de misturar também tradições culturais clássicas, cristãs e outras.

- **Programa da RTP2 "Sardoal, memória viva"** (RTP Arquivos, 2001) apresentado por José Hermano Saraiva dedicado ao concelho do Sardoal e ao seu património arquitetónico - (28m), disponível em <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/sardoal-memoria-viva/> (acesso em outubro de 2018).

FICHA

Título: Guião Pedagógico – Sardoaal – Centro Cultural Gil Vicente

Âmbito: Plano Estratégico de Desenvolvimento Intermunicipal da Educação no Médio Tejo (PEDIME) - Programa de Visitas de Estudo do Médio Tejo

Editor:

COMUNIDADE INTERMUNICIPAL DO MÉDIO TEJO

Município do Sardoaal

Organização:

Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa



Equipa:

Raquel Henriques (Org.)

Rute Perdigão

Sílvia Ferreira

António Domingos

Susana Gomes

Data: fevereiro 2019

Revisão: abril de 2019